



A PRODUÇÃO DO PENSAMENTO POLÍTICO ENTRE AS ESQUERDAS NA IMPRENSA OPERÁRIA BRASILEIRA (1922-1924)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3718

Leandro Ribeiro Gomes, UNESP

Resumo

Introdução: Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre o pensamento político que foi produzido pelos debates entre as tendências de esquerda no Brasil, utilizando-se exclusivamente da imprensa operária como fonte histórica. Analisamos particularmente entre os anos de 1922 a 1924, devido ao contexto de intensos embates políticos que ocorreram nesse período com a fundação do PCB e o início do movimento tenentista. Objetivo e metodologia: Objetivamos demonstrar que essa conjuntura de intensos acontecimentos políticos nacionais que impactaram o movimento operário, assim como as suas disputas e conflitos internos em consequência da recente ascensão dos comunistas, fez surgir a produção de um pensamento e de uma reflexão políticas "próprias" daquele momento. Onde leituras, interpretações e ressignificações eram feitas por militantes que tentavam conciliar as suas ideias e posições com os limites das doutrinas que seguiam. Embasamo-nos como método, a análise das práticas e representações políticas contidas nesta produção jornalística, o que revela à nossa análise, a interpretação dos mitos e imaginários políticos contidas nestas representações enquanto expressões de disputas pelo poder no interior do movimento operário. Discussão e conclusões: As polêmicas e debates entre anarquistas e sindicalistas revolucionários (tendências dominantes antes do advento do PCB) com os comunistas, na imprensa operária do período, foi intensa e muito rica, na sua profundidade das reflexões acerca da organização operária e da luta política do movimento trabalhista. Portanto, a análise de nossas fontes aponta que esse pensamento não se manteve estático, mas foi dinâmico, pois procurou se adaptar as necessidades das lutas que se travavam.

Palavras Chave:

Imprensa operária;
Pensamento político;
Anarquismo;
Comunismo.

Introdução-Justificativa

Os conflitos e debates entre anarquistas e comunistas na imprensa operária e suas disputas no interior das organizações trabalhistas no Brasil já foram assuntos de vários trabalhos historiográficos que abordaram esse período de formação do PCB. Durante muito tempo, e por influência dos primeiros trabalhos históricos realizados por antigos militantes e por uma historiografia de influência marxista e simpatizante do PCB, a história da classe operária na Primeira República – de um modo geral – foi contada pelo prisma de um dado marco cronológico. Tal interpretação assevera que a história da luta dos trabalhadores no Brasil se divide numa “pré-história inconsciente” (antes da fundação do PCB) e uma “verdadeira história”, que se iniciou a partir da fundação do partido em 1922, inaugurando uma etapa “consciente” na vida da classe trabalhadora. Essa data tornou-se, assim, um marco e foi interpretado – por obras historiográficas que deram continuidade a essa noção – de que o surgimento do partido foi uma demonstração de amadurecimento político da classe operária (BATALHA, 2007, p. 147-148).

Um exemplo emblemático deste tipo de interpretação foi oferecido, inicialmente, por Astrojildo Pereira (1890-1965). Militante de origem anarquista, e um dos mais influentes jornalistas junto ao movimento operário, Astrojildo Pereira foi um dos principais articuladores da fundação do PCB após sua conversão ao marxismo. Astrojildo assinala que o anarquismo foi uma corrente “antipolítica” e uma ideologia “pequeno-burguesa”, enfatizando que após as derrotas das greves e insurreições operárias da conjuntura de 1917-1920 ficou evidente a incapacidade teórica e política do anarquismo de oferecer respostas aos problemas de direção do movimento operário (PEREIRA, 1976, p.

34 e 51).¹

As contribuições destes trabalhos historiográficos foram inegáveis para a compreensão das divisões e rupturas que ocorreram no movimento operário com o advento da Revolução Russa em 1917 e a consequente fundação do PCB em 1922. Assim, há muito já foi discutido o fato de ter ocorrido uma cisão no interior do movimento anarquista daquela época, e o quanto que isso resultou em que muitos membros fundadores do partido viessem dos meios libertários (anarquistas). O pesquisador Marcos Del Roio apresentou aspectos importantes ao indicar que muitos militantes, como Astrojildo Pereira, passaram por um processo de “mutação ideológica” que veio afetar todo o campo operário ao se abandonar os preceitos libertários e assumir um “novo instrumental teórico” vindo do marxismo (DEL ROIO, 2003, p. 77 e 84).

Nildo Viana, por seu turno, aponta que o anarquismo brasileiro possuiu uma forte base sindical e que estes sindicatos nasceram na luta direta contra o capital e o Estado. Mas, a partir do momento que o Estado capitalista brasileiro passou a impor uma legislação trabalhista e reguladora – que antes não existia, momento que se dá a partir de

1 Trabalhos historiográficos mais antigos e já bem conhecidos, como exemplo, que seguiram interpretações semelhantes em relação ao anarquismo, após as experiências do ascenso das lutas operárias em 1917-1920, que resultou na fundação do partido, qualificaram o movimento operário anarquista no Brasil como uma etapa superada pelo desenvolvimento histórico (BANDEIRA, 1980, p. 265). Ou ainda explicando a baixa filiação nos inícios do PCB pela falta de sentimento de coletividade, ao qual o anarquismo era um dos responsáveis por ter sido contra a qualquer tipo de organização, com exceção dos sindicatos (CARONE, 1982, p.2). Como também apontar que a debilidade da teoria anarquista foi justamente ignorar a instância política, a luta parlamentar, e não formular o problema do partido como ponto central da luta operária, privilegiando o ponto de vista da ação política dentro dos quadros institucionais (FAUSTO, 1977, p. 247).

1919 – ele passou a exercer uma ação burocratizante sobre as organizações operárias. Tanto o Estado, quanto os partidos políticos (e o PCB em particular) irão exercer, nesse contexto, um papel burocratizante, e que o crescimento dos comunistas ocorreu justo neste refluxo do movimento operário, em que os sindicatos começaram a ver diminuir o seu poder de pressão política na medida que normas de regulamentação do trabalho eram impostas de cima – tirando a influência dos sindicatos sobre o mercado de trabalho (VIANA, 2006, p. 40).²

Já um trabalho atual, publicado pelo historiador Hamilton Moraes Theodoro dos Santos, questiona, portanto, se realmente o anarquismo deu sinais de declínio – demonstrando a sua incapacidade teórica e organizativa – ou se esta polêmica originou-se mais pelo fato de que parte da militância anarquista vislumbrou sucessos promissores nos métodos bolcheviques. Primeiro o autor aponta que este questionamento pode ser feito porque não poderíamos falar de incapacidade do anarquismo se foi justamente o anarquismo que mobilizou

as massas operárias no ascenso de greves e insurreições que ocorreram entre 1917-1920 (SANTOS, 2017, p. 181). Segundo, ele destaca o quanto a Revolução Russa representou um estímulo aos anarquistas brasileiros – nos momentos iniciais quando os libertários ainda apoiavam a Rússia. E que, contudo, foi a questão da intensa repressão o fator principal do declínio do anarquismo justamente por ela atingir os sindicatos independentes, sufocando a militância anarquista restrita a esses meios. A crítica ao movimento ácrata é que ele não criou outros espaços para a formação política fora das organizações classistas (SANTOS, 2017, p. 218-220 e 223).

Seguindo esses questionamentos, a nossa pesquisa busca compreender mais profundamente a produção do pensamento político das esquerdas que foi expresso no jornalismo operário. Busca demonstrar que esse “pensamento”, produzido no embate entre as tendências operárias, foi mais rico, complexo e dinâmico, do que muitas vezes se entende e se compreende, justamente por ter sido produzido num contexto de crises e graves conflitos políticos. Defendemos, portanto, que este pensamento político não se apresentou unicamente de forma rígida, estática e cristalizada, como certas noções historiográficas muitas vezes dão a entender, por olharem para história operária no início do século XX pela ótica de um “etapismo”, de “etapas” que se superam inevitavelmente pelo processo histórico.

A nossa pesquisa de doutorado parte de um desdobramento de nosso trabalho de mestrado, que analisou justamente as repercussões da Revolução Russa na imprensa anarquista. Portanto, iniciamos a nossa pesquisa em 1922 devido a fundação do PCB, sendo este o ponto em que terminamos a pesquisa

2 Quanto a esta questão do enfraquecimento do poder de barganha dos sindicatos, e a perda de seu controle sobre o mercado de trabalho, elas procedem dos estudos que já vem sendo discutidos há tempos desde a famosa contribuição de Munakata. Este autor sintetiza que antes os sindicatos da época eram majoritariamente influenciados pelo anarco-sindicalismo, corrente que negava qualquer intermediação do Estado e de partidos. Portanto, para os anarquistas era um contrassenso lutar para se fazer cumprir as leis, e que com esta postura, neste contexto, os comunistas ganharam cada vez mais terreno por não serem contrários a pressão contra o Estado no sentido da promoção de uma legislação trabalhista. Assim, os comunistas contribuíram para o processo de burocratização por proporem uma forma de organização operária pautada por uma disciplina na aceitação de um tipo de sindicato que reforçava os dispositivos de vigilância e controle do Estado. Assim, contribuíram para a criação de uma forma organizativa da luta operária que fez esta perder grande parte de seu poder de decisão (MUNAKATA, 1985, p. 41-48).

anterior.³

Objetivos

Objetivamos aqui, dessa forma, expor algumas considerações históricas de nossa atual pesquisa apenas a partir do contexto da fundação do PCB em 1922 até a segunda revolta tenentista em 1924, analisando apenas uma amostra das fontes no início desse período, devido as nossas limitações de espaço. Essa nossa primeira fase de análise se deu pelo fato da conjuntura entre estes dois anos ser marcada, na imprensa operária, pelas influências destes eventos. Lembrando que estendemos o nosso corpo documental não apenas a imprensa anarquista, como foi no mestrado, mas também analisando a imprensa comunista, para que um olhar maior para o conjunto da imprensa operária nos ofereça uma perspectiva mais ampla do pensamento político produzido nesse contexto de cisões.⁴

³ Refiro-me ao trabalho que resultou na dissertação de mestrado intitulada: 'Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira' (GOMES, 2012). Esta pesquisa de mestrado obteve dois anos de financiamento pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E este trabalho deu resultado a um levantamento surpreendente na quantidade de fontes, onde foram totalizadas 335 fontes sobre o tema distribuídas por 375 edições entre os 12 jornais trabalhados, em que apenas 117 fontes foram utilizadas e analisadas para a redação da dissertação devido às limitações de espaço e tempo. Nesta dissertação, em que foi analisada apenas a imprensa anarquista, ficaram evidentes as potencialidades de pesquisa deste tipo de imprensa da época e de que ela poderia oferecer novas possibilidades de estudo, tanto de temas pouco explorados na dissertação quanto de novas fontes não trabalhadas e levantadas no mestrado.

⁴ No projeto original de nossa pesquisa de doutorado propusemos a análise da imprensa operária de 1922 até 1935. Neste artigo apresentamos uma discussão de 1922 a 1924, por se tratar de nossas primeiras análises e devido a mencionada conjuntura deste período, já que as duas revoltas tenentistas ocorreram entre esses anos. Mas também devido aos estados de sítio,

Por isso, no doutorado, na análise das fontes investigaremos ao menos três temas que foram centrais para a discussão do movimento operário daqueles anos. Uma era o posicionamento de anarquistas e comunistas em relação as sublevações tenentistas e o seu movimento. Um segundo tema se dedicará aos debates e polêmicas entre as tendências operárias ao redor da questão da organização operária e os consequentes conflitos ideológicos que isso suscitou. E um terceiro tópico dedica-se à análise das discussões em torno da Rússia, pois os embates entre anarquistas e comunistas em relação ao processo revolucionário russo se estendeu pela década de 1920. E esta discussão também estimulou reflexões a respeito da organização operária e dos rumos da luta operária e revolucionária.

Assim, neste presente artigo, decidimos por limitar a nossa exposição ao terceiro tema, devido também ao centenário da Revolução Russa. As acaloradas polêmicas que as discussões em torno da Rússia criavam na imprensa operária faz com que esse tema seja marcado por uma guerra de informações em torno do assunto e pelas representações a respeito dos caminhos dos processos revolucionários. Com isso, a expressão de imaginários políticos com estas representações oferece uma outra perspectiva das disputas no interior do movimento operário, a partir das interpretações dos militantes que tentavam conciliar a análise da realidade dentro dos limites da doutrina política que seguiam.

Um dos nossos objetivos aqui

perseguições e prisões impostas pelo governo contra o movimento operário, em resposta a estas sublevações militares, que inclusive dificultou a existência da imprensa operária com a interrupção de parte de sua produção entre os períodos de exceção institucional de 1922 a 1923 e 1924, constituindo o período numa primeira etapa da análise de nossas fontes (CARONE, 1974, p. 362 e 380-381).

também está relacionado a umas das hipóteses de nossa pesquisa: que é verificar se o pensamento anarquista, no seu debate com os comunistas, apresentou-se apenas de forma dogmática e sectária. Ao contrário, procuramos indicar que os libertários também tentaram se modificar e dar respostas as críticas e interpretações advindas dos meios marxistas. Procuramos demonstrar que o pensamento ácrata nesse momento tentou compreender as mudanças que ocorriam, e elaborar novas análises que desse conta do entendimento da realidade – repensando as formulações historiográficas que não perceberam estas mudanças.

Para tanto, analisaremos uma amostra de nossas fontes selecionando dois periódicos, das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro em 1922. Devido as cisões no interior do movimento anarquista os militantes das duas tendências, muitas vezes, se conheciam, e os debates portanto ocorriam até mesmo entre impressos de cidades diferentes. Sendo assim, utilizaremos fontes dos seguintes impressos: o jornal anarquista *A Plebe* (SP) e a revista do PCB *Movimento Comunista* (RJ).

Resultados

As rupturas e cisões no seio do movimento operário anarquista, e nos meios sindicais revolucionários, devido as apreciações e posicionamentos em relação a Revolução Russa foi um processo lento de “transmutações ideológicas”. Processo este que influenciou o pensamento político mesmo para aqueles que romperam o seu apoio à Rússia. E esse fenômeno de dissensões no pensamento político ficou claramente expresso na imprensa operária já em 1920 em diante. Assim, num primeiro momento, os anarquistas brasileiros apoiaram a causa dos soviets e se simpatizaram com a Revolução Russa – entre 1917 a 1919 –, porém, conforme as informações a respeito do

processo revolucionário russo foram ficando mais claras, o debate na imprensa foi decantando aqueles que se mantiveram anarquistas e aqueles que continuariam apoiando a Rússia e a causa bolchevique (GOMES, 2012, p. 17; BANDEIRA, 1980, p. 256-265).

No jornal anarquista *A Plebe* de São Paulo, já no primeiro semestre de 1922, nós encontramos polêmicas recorrentes dos libertários com os simpatizantes do bolchevismo em relação a Rússia. Contudo, desta vez os debates eram realizados com o órgão oficial dos comunistas, e não no interior da imprensa anarquista, mas sim com a recém fundada revista mensal do PCB – o *Movimento Comunista*, do Rio de Janeiro – que tinha sido fundada em janeiro daquele ano (BANDEIRA, 1980, p. 274). Estas fontes que analisaremos também foram citadas na obra de John Foster Dulles, porém o autor se atenta mais aos elementos difamatórios destes debates entre os grupos, e não se aprofunda nos contornos, aspectos e elementos das reflexões políticas expressas nesta documentação (DULLES, 1977, p. 160).

No número de abril da referida revista foi publicado um artigo de Antonio Bernardo Canellas onde foram tecidas duras críticas ao julgamento que os anarquistas brasileiros faziam da Rússia. Ele deixa a entender que os anarquistas passaram a ser irresponsáveis em relação a “Revolução Social na Rússia”. Expressa um raciocínio pragmático, na intenção de deslegitimar os ataques dos anarquistas por sua falta de sendo de realidade. Referindo-se aos anarquistas profere Canellas:

Mas, afinal, o que querem elles? Dizem elles que o que se está fazendo na Russia não é a applicação exacta das aspirações libertarias. Ora bolas! E quem é que não sabe disso? Mas é preciso tambem que todos saibam que os russos não fazem o que querem, e sim o que podem. Elles estão cercados de exercitos capitalistas e

por conseguinte são obrigados a manterem também um exercito, embora o militarismo lhes repugne. Elles estão cercados de nações burguesas, commercializadas, com as quaes são obrigadas a tratar. Por conseguinte, elles são obrigados a restabelecer o commercio com o estrangeiro. Mas si deste lado elles perdem terreno, observe-se o esforço de educação que realizam, fazendo do povo russo um povo consciente que saberá respeitar a sua independência e conservar a força das suas ideias para assim que as circumstancias lhe permittirem, usando d'essa independencia, applicar a suas ideias em toda a sua plenitude. Os bolchevistas russos dizem aos revolucionarios de todos os paizes: “fazei, fazei melhor que nós, mas fazei alguma cousa, por favor”. Quem nada faz não tem o direito de criticar os que, não tendo feito tudo fazem ao menos alguma coisa. É certo que muitos camaradas criticam, mas sem maldade; seguem as cantilenas dos pretensos intransigentes porque é a moda e porque lhes parece bonito passarem por mais “puros” que os outros. A esses tenho a dizer que essa vaidade está custando caro a nós todos e que quem se está aproveitando é a burguesia [...].⁵

Canellas tentou deixar claro ao longo deste artigo, que a não aceitação do princípio da “ditadura do proletariado” pelos anarquistas, acabava contribuindo para a imprensa burguesa na sua campanha de detração contra a Rússia – comentando e se utilizando de exemplos da grande imprensa francesa em outras passagens. Acusando esta intransigência dos libertários de querer ser uma “moda”, por ser manter “pura” aos princípios anarquistas. Esta acusação de que os anarquistas estariam sendo intolerantes,

⁵ Movimento Comunista, “Os anarchistas e a dictadura do proletariado”, ano 1, nº 4, Abril de 1922, p. 107-109.

por não estarem sendo realistas, foi recorrente na época e constituiu um aspecto importante do pensamento dos comunistas brasileiros em seus debates com os anarquistas. O fato de Canellas destacar que os bolcheviques “repugnam o militarismo” pode indicar o seu afeto a antiga militância anarquista, pois Canellas viera também do anarquismo, e militou em campanhas antimilitaristas em consonância com o anarquismo – apesar dele criticar nesse artigo o apoio de certos anarquistas europeus a guerra mundial (DULLES, 1977, p. 160).⁶

A imprensa anarquista não ficou isenta destas críticas e apresentou no jornal *A Plebe* de São Paulo esclarecimentos de suas posições em relação a Rússia em um artigo de primeira página, assinado por um militante com o codinome de Democrito. O texto começa explicando que inicialmente os anarquistas nutriram grandes expectativas e simpatias pela revolução na Rússia, e como a imprensa burguesa obstinava em ataca-la, eles a defenderam ardentemente. E que a partir de então, o termo “comunista” passou a ter uma interpretação dupla, pois tanto os anarquistas quanto os marxistas o reivindicam, ainda que cada um destes ideais tenham “uma concepção muito

⁶ Nessa época Canellas se encontrava em Paris desde 1920, passando a colaborar com a revista carioca enviando textos desde a sua adesão ao PCB em março de 1922. Ele viajou a Europa porque tentava chegar a Rússia para conhece-la pessoalmente, pois já passava, portanto, por sua mutação do anarquismo para o marxismo. Por já se encontrar na Europa, ele foi designado para representar o PCB na próxima reunião da III Internacional Comunista (IC). Se tornaria, assim, o primeiro brasileiro a conhecer a Rússia soviética no IV congresso da IC em finais de 1922 – onde ele acabou se desentendendo com os bolcheviques e sendo posteriormente expulso do partido por causa disso. Antonio Bernardo Canellas é considerado um dos maiores editores da imprensa operária brasileira ao lado de Edgar Leuenroth, que editou *A Plebe*. Ver a importante obra de Iza Salles (SALLES, 2005). Cf.: (SALLES, 2005, p. 66; 70-71; DULLES, 1977, p. 160 e SANTOS, 2017, p. 173; 186).

diferente do assunto” – demarcando claramente os limites entre as duas tendências. Sendo assim, Democrito expõem as razões da mudança de postura dos libertários e a visão deles sobre o fenômeno russo:

Mas, como não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe, chegou o tempo em que foi impossível receber não só noticias directas da Russia, como também as organizações operárias e revolucionarias lá podessem mandar seus representantes directos para se certificarem de visu dos methodos de luta e das transformações economicas e moraes lá operada. E muitos delegados que para lá se dirigiram cheios de optimismo, voltaram desolados. [...]. Quem não fosse bolchevista não tinha direito de nenhuma especie: não podia falar, nem escrever, nem reunir, nem possuir armas. A Revolução, fructo do esforço de todos os revolucionarios russos, tinham se tornado um instrumento feroz de repressão contra todos que não commungassem com as vistas dos ferozes communistas. Diante destas informações houve um movimento de repulsa. E os anarchistas, muito especialmente, ficaram impressionadíssimos, visto os seus camaradas serem, lá como em todo o mundo, as victimas de preferencia escolhidas para serem sacrificadas em holocausto aos maus humores de Lenine e de seus apaniguados, os quaes, pensam em seu bestunto, que, só pelo facto de terem attingido as culminancias do poder, todas as bandeiras se deveriam enrolar, todas as resistencias quebrar-se, todas as aspirações afogar-se, preparando um ambiente favoravel, um caminho florido aos últimos triumphadores, que appareciam ao mundo quaes novos redemptores da nova especie. E é como se explica a mudança de attitude dos anarchistas a respeito da Russia. E não seria inconcebível outro

procedimento. [...] Muita gente desejaría que se mantivesse um cumplice silencio, convencidos como estão de que todas essas violencias se justificam pela necessidade de resistir aos inimigos internos ou externos. Ora, nós não consideramos os anarchistas inimigos da Revolução. Pelo contrario, são, foram e serão sempre os seus mais extremados factores e defensores. E se até agora foi possível silenciar de certo modo sobre esses inauditos abusos, isso tornou-se absolutamente impossível depois que alguns anarchistas, esquecendo o seu passado de lealdade, de trabalho, de coherencia e sacrificio, tomaram a decisão de enveredar pelo caminho da ditadura [...].⁷

É evidente que as recentes cisões que ocorreram no movimento operário entre antigos companheiros de militância se tornaram um ingrediente emotivo inevitável para a condenação dos anarquistas. Porém, aqui, o ataque dos anarquistas ao princípio da “ditadura do proletariado” – e as justificativas de mudança de postura sobre a Rússia – talvez não partia apenas de princípios teóricos fundamentais.⁸ Para a visão de Democrito, era inaceitável que antigos companheiros de luta defendessem o “caminho da ditadura”, depois de todas as perseguições sofridas, e ainda mais num contexto em que a repressão estatal

⁷ A Plebe, “Hontem e hoje”, ano 5, nº 179, 15/04/1922, p. 01.

⁸ É importante salientar neste ponto que os conflitos e divergências entre marxistas e anarquistas existiam desde a Primeira Internacional dos Trabalhadores de 1864. Por isso, é necessário deixar claro que os anarquistas também eram considerados interlocutores do movimento operário e socialista. Desde o século XIX, a proposta marxista de construir o socialismo por meio da ditadura do proletariado conflitava e polemizava com os anarquistas que propunham a destruição do Estado e a construção do socialismo pela solidariedade social. Assim, explica-se o interesse e pertinência de nosso tema de pesquisa tanto no mestrado como no doutorado (GOMES, 2012, p. 35-38).

contra os anarquistas no Brasil aumentara significativamente a partir de 1921 (SAMIS, 2002, p. 78-88). E a isso ainda somava-se, a repressão dos bolcheviques contra os anarquistas na Rússia, que como diz o autor, causou espanto entre os anarquistas verem “seus camaradas serem, lá como em todo o mundo” as vítimas mais visadas da repressão governamental – agora por um regime resultante de uma revolução feita pelo esforço de todos os revolucionários russos, inclusive os anarquistas.⁹

A guerra de informações a respeito da Rússia, que antes era travada contra a grande imprensa, agora era disputada entre as correntes operárias. Canellas, na Europa naquele momento, ainda olhava para a Rússia sob o prisma da “Revolução Social”, termo caro para os anarquistas que sempre enfatizaram a “transformação social” ao invés de meras mudanças de forças políticas. Enquanto Democrito, por sua vez, diz que os bolcheviques, por terem atingido “as culminâncias do poder”, acharam que “todas as bandeiras deveriam se enrolar”. Estas formas de “representações políticas” constituem em elementos dos “imaginários políticos” em disputa em torno dos assuntos a respeito da Rússia, que por ter sido uma experiência importante de revolução socialista, colocava a questão do partido operário e da ditadura do proletariado no centro das discussões da política do movimento operário no Brasil, e assim da própria questão da organização operária.¹⁰

⁹ Os anarquistas russos colaboraram e participaram da revolução social soviética desde o início, alguns até colaboraram brevemente com os bolcheviques, e eles só abandonaram o apoio aos soviets quando perceberam a subversão de seu caráter popular inicial pela burocracia comunista. A repressão bolchevique contra o anarquismo russo inicia-se já em 1918 e se estendendo, até a sua eliminação final, em fins de 1922. Cf.: (WOODCOCK, 2006, p. 199-201).

¹⁰ Trabalhamos o “imaginário político” na perspectiva de uma forma de “representação do mundo social”, e as disputas na imprensa como

As representações aqui constituídas a respeito da “Revolução Social Russa”, e sua degeneração pelas “culminâncias do poder”, podem expressar também, seguindo as análises de Marc Ferro, indícios das defasagens entre as representações e os fatos reais na Rússia. Este autor explica que o poder popular dos soviets, inicialmente, realmente existiu, e que as mudanças sociais no país impressionaram os simpatizantes comunistas estrangeiros que o visitaram – e que estas primeiras representações perduraram por mais tempo, constituindo uma imagem da URSS que muito cedo deixará de corresponder a realidade. Assim, a bolchevização dos soviets e o autoritarismo institucional, que ocorreram já a partir de 1918, são fatos que manifestaram seus efeitos tardiamente sob o mito soviético (FERRO, 1984, p. 61-62).

Já as posições anarquistas são justificadas por Democrito, portanto, por notícias vindas não da “imprensa burguesa”, mas de notícias diretas da Rússia, advindas de “organizações operárias e revolucionárias” que de lá voltaram “desoladas” – respondendo implicitamente a acusação de Canellas de confluência dos anarquistas com a grande imprensa. Esta decepção a que se refere o autor, são as apreciações dos delegados das organizações operárias de vários países que compareceram aos congressos da IC na Rússia, e da Internacional Sindical Vermelha (braço sindical da IC). Muitos destes delegados, libertários e de formação sindical anarquista, se desiludiram e denunciaram o autoritarismo e a centralização institucional do regime soviético (inclusive dentro da IC), assim como a

um campo de disputas entre “representações”. Sendo assim, estas “imagens”, em que se expressam “representações” políticas e sociais, constituem-se em imaginários políticos que são, em certa medida, formas de expressões das disputas pelo poder. Cf.: (BARROS, 2005, p. 140; CHARTIER, 1988, p. 17).

constatação da repressão aos anarquistas na Rússia (ROCKER, 2007, p. 32; SALLES, 2005, p. 81-85).¹¹ Assim, a nossa fonte converge com a conjuntura internacional, pois a partir desta época o movimento anarquista internacional começou a questionar o argumento histórico da justificação dos excessos bolcheviques, onde para eles a situação extrema em que se encontrou a Revolução Russa durante a guerra civil de 1918-1920 serviu para os bolcheviques eliminarem adversários políticos e querer silenciar qualquer manifestação crítica (ROCKER, 2007, p. 41).

Considerações Finais

A partir do estudo destas fontes analisadas podemos esboçar algumas considerações iniciais. Podemos inferir que as reflexões comunistas expressas por Canellas buscou fazer uma leitura das condições internacionais e das condições possíveis para a Rússia na construção do socialismo, num esforço de compreensão da realidade. Ainda que a força simbólica do “mito” em torno da Rússia revolucionária fosse forte a este, a sua defesa da ditadura proletária não se deu por mero proselitismo, mas sim considerando implicações reais daquele momento.

O pensamento anarquista expresso por Democrito, por sua vez, também se esforça por atingir a verdade dos fatos se lançando mão de suas relações com o movimento operário internacional. Acreditamos que foi exemplo e indícios das tentativas dos anarquistas de não decaírem a um simples

¹¹ E lembremos que estes impasses dentro do próprio campo revolucionário em relação a Rússia soviética e com o funcionamento das instituições bolcheviques se deu até mesmo com o próprio Canellas. Por influência de sua formação sindical anarquista, Canellas entrou em confronto com o direcionamento que as autoridades bolcheviques deram as reuniões no congresso que ele participou em fins do mesmo ano de 1922 (SALLES, 2005, p. 113-130; SANTOS, 2017, p. 197-204).

sectarismo, onde a negação da ditadura – ainda que pretensamente dos operários – seria um capricho que não estivesse embasado em fatos não menos reais. Assim, a resposta libertária a imposição de um silêncio as vozes contrárias ao “símbolo russo”, era a própria constatação da violência de todos os governos àqueles que se opunham ao Estado.

Referências

- BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. **O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- BARROS, José D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **Saeculum: Revista de História**, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, n. 12, 2005, p. 128-141.
- BATALHA, Cláudio H. M. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 145-158.
- CARONE, Edgard. **A República Velha (evolução política)**. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. Coleção Corpo e Alma do Brasil.
- _____. **O P. C. B. (1922-1943)**. São Paulo: Difel, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.
- DEL ROIO, Marcos. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). **História do Marxismo no Brasil** (o impacto das revoluções). 2ª Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003. V. I, p. 59-121.
- DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil** (1900-1935). Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.
- FERRO, Marc. **O Ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

GOMES, Leandro Ribeiro. **Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)**. (Dissertação de Mestrado em História). FCL, UNESP. Assis, 2012.

MUNAKATA, Kazumi. **A Legislação Trabalhista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB (Partido Comunista Brasileiro): 1922-1928**. Lisboa: Prelo Editora, 1976.

ROCKER, Rudolf. **Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques**. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.

SALLES, Iza. **Um Cadáver ao Sol: a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o**

PCB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Imaginário, 2002.

SANTOS, Hamilton Moraes Theodoro dos. **Anarquismo e formação do Partido Comunista do Brasil (PCB)**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Risoma, 2017.

VIANA, Nildo. A aurora do anarquismo. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. V. I, p. 23-43.

WOODCOCK, George. Anarquismo na Rússia. In: _____. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2006a. V. 2: O Movimento, p. 180-208.